

Segurança nas escolas. Agora, um curso

Curso piloto está sendo promovido pelo Ilanud e pelo Instituto Sou da Paz. Os primeiros PMs a fazerem o curso vão trabalhar no Jardim Ângela e Capão Redondo

MARIANA PINTO
Jornal da Tarde

Há dois dias, o Instituto Sou da Paz e o Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Crime e Tratamento do Delinqüente (Ilanud) realizam um curso piloto com Policiais Militares para melhor capacitá-los na prevenção da violência escolar e na segurança nas escolas.

Os primeiros alunos são 36 PMs do 1º Batalhão de Policiamento Militar, escolhidos por trabalharem em uma região que registra o dobro da taxa média de homicídios registrada na Capital, os bairros do Jardim Ângela, Capão Redondo e Jardim São Luís, na zona sul. Este

O curso dura uma semana e contará com a participação de 18 policiais por semana. As aulas são na Escola Estadual Luiz Gonzaga Pinto e Silva, na zona sul, têm duração de quatro horas e ocorrem de segunda a sexta-feira.

“A intenção é mostrar para os policiais que há outras maneiras, que também são permitidas por lei, mais preventivas e menos repressivas, de intervir em conflitos”, explica Davi Tangerino, gerente de Justiça e Segurança Pública do Instituto Sou da Paz. Para ele, “há casos em que o policial militar intervém orientado pelo Código Penal quando poderia agir de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente”.

Além disso, durante as aulas são discutidas formas de estabelecer um melhor relacionamento entre alunos e policiais, que também opinam sobre as dificuldades e dão sugestões para a melhoria da segurança nos colégios. No futuro, os institutos pretendem também que o curso e o material didático sejam adotados por toda a PM da capital.

A Polícia Militar é responsável pelo patrulhamento nas escolas estaduais. Só na região patrulhada

te por cento deles estão em áreas consideradas de alto risco, 50% estão em regiões de médio risco e 20% em lugares considerados de baixo risco. Nos locais onde a violência é grande, o policiamento é feito durante todo o dia. Nos outros, o patrulhamento é realizado durante o período de aula.

“As escolas e seus arredores devem ser prioridade para as autoridades policiais, que devem agir com bom senso diante das ocorrências”, diz o pesquisador de segurança pública do Instituto Fernando Braudel e coronel José Vicente da Silva Filho. “Muitas vezes, o policial é chamado para solucionar um problema que poderia ser resolvido pela equipe pedagógica.”

Para o tenente-coronel Luiz Carlos da Costa, do 1º Batalhão da PM, “a violência nas escolas traduz a violência que acontece nos arredores delas”. Ele lembrou que “os policiais responsáveis pela segurança de uma escola não podem ter a cultura de serem os cerceadores da liberdade dos alunos. Se não, o colégio vira um quartel”.

A violência também está presente nos colégios municipais. De

mento desses locais, indicam que, no ano passado, 1.130 ocorrências policiais foram registradas nas escolas de ensino fundamental e educação infantil. A situação é pior nas estaduais, de acordo com uma pesquisa feita em 2001 pelo Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (Udemo). No estudo, 76% dos diretores de escolas entrevistados disseram ter enfrentado casos de violência naquele ano.

Neste ano, a violência causou a morte de pelo duas pessoas e ferimentos em outras duas. No começo do mês, uma aluna da Escola Estadual Celestino Bourrol, na Vila Rica, em Santo André, foi assassinada por um desconhecido dentro do colégio. Poucos dias antes, a diretora Edi Greenfeld havia sido morta nas proximidades da Escola Municipal Madre Maria Joana Angélica de Jesus, na zona leste.

No dia 6 de abril, o GCM Evaldo Bispo da Silva foi baleado no joelho na porta da Escola Municipal Antônio de Arthur Begbi, na zona leste. No último sábado, o caseiro da Escola Estadual Clorinda Ciampi, na zona sul, foi baleado